

ENTRELAÇANDO SABERES ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DA UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS-UFRPE DO CONTEXTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Nataly Santana Luna (1); Taís Melo da Silva Leonardo (1)

(1) Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns- nataly.luna.08@hotmail.com

(1) Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns – taismelo.ufrpeuag@gmail.com

Resumo: A universidade tem em sua trajetória histórica abarcado diferentes funções e atribuições que ultrapassam as salas de aula e que viabilizam uma relação contributiva mais próxima com a sociedade, atuando nos eixos de Ensino, Pesquisa e Extensão. Considerando essa relação e reflexão, que dialoga com as diferentes realidades, torna-se imprescindível analisar a trajetória evolutiva referente aos projetos de extensão desenvolvidos nas Instituições Federais de ensino superior (IFEs). Assim, a realização deste estudo teve o objetivo discutir a inserção da Universidade dentro de um contexto plural da sociedade e analisar quantitativamente a evolução dos projetos de extensão realizados pela Unidade Acadêmica de Garanhuns - UFRPE, com ênfase àqueles com concessão de bolsa estudantil de 2013 a 2016. Neste sentido, foi realizado um breve histórico que discorre sobre o acesso, contexto político, propostas e movimentos de reformas da, e na universidade, as dificuldades de sua real aplicação no Brasil, e o que os teóricos lhe atribuem como função e forma de trabalho. Em seguida, são apresentadas reflexões teóricas que subsidiam e aludem o compromisso da universidade para com a sociedade e sua forma de articulação e dialeticidade, além de uma explanação sobre os objetivos e finalidades das ações de extensão na universidade. A análise quantitativa dos projetos de extensão com bolsas estudantis desenvolvidos na Unidade Acadêmica de Garanhuns-UFRPE aponta uma tendência de crescimento com $R=0,9757$, nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016, crescimento este de 29,7% de 2013 para 2016. Por fim, destaca-se a necessidade da continuidade e ampliação do entendimento, no contexto da quantitativo e qualitativo, da extensão universitária realizada pelas IFEs. No contexto da análise da Unidade Acadêmica de Garanhuns, os dados demonstram o empenho da gestão da UFRPE sobre seu papel no desenvolvimento de ações de extensão, que por sua vez, promovem mudanças positivas na sociedade em que está inserida, e para os discentes bolsistas, que são estimulados a participarem de tais ações.

Palavras chave: Contribuições, Projetos, Dialogicidade.

Introdução

Acessar o ensino superior é um sonho, principalmente para os jovens menos favorecidos e em situação de pobreza, para as quais o trabalho se impõe para a sobrevivência. Concluir o ensino médio, para muitos, já está de bom tamanho. No entanto, algumas pessoas têm de lidar com a frustração das várias tentativas de ingresso em universidades públicas, que em decorrência das carências e da negligência do estado para com a educação pública, não permitem alcançar as expectativas extraordinárias que são propostas nos vestibulares ou no Exame Nacional do Ensino Médio.

Nesse sentido, lhes resta, enquanto opção, dedicação plena ao trabalho (quando possível), ou ingresso nas instituições de Ensino Superior privadas. Esta realidade fica ainda pior em relação às

comunidades étnicas específicas (índios, quilombolas, etc.), que segundo Santos (2004), grupos étnicos excluídos e minoritários nos espaços acadêmicos, ao perceberem sua “inclusão como uma forma de exclusão” de outros tantos, trazem para dentro desses espaços conhecimentos que são originários de sua cultura e espaço.

A universidade por sua vez, tem se apresentado como instituição que visa proporcionar benefícios para a sociedade, não se restringindo apenas a formação de mão de obra qualificada, mas também correspondendo as premissas estabelecidas sobre suas funções, de comunicar-se e se reestabelecer enquanto espaço de pluralidade de ideias. Por um lado, algumas das características acima descritas, brevemente analisadas no presente estudo, podem em parte, ser compreendidas como uma utopia. Porém, a universidade é um bem social, e deve ser gerida no sentido de atender aos anseios da sociedade e em cooperação e articulação com a mesma. Apesar de apenas um pequeno grupo estar efetivamente frequentando enquanto estudantes e pesquisadores na universidade, os demais sujeitos da sociedade podem e devem inclusive, entrar no universo acadêmico, debater as diversas realidades que estão sendo apresentadas num “formato teórico” e cientificamente reconhecido, com as vivências em sociedade.

Na Unidade Acadêmica de Garanhuns – UFRPE, são desenvolvidas diversas ações de extensão, nas diferentes áreas temáticas e vinculados a diferentes editais (com bolsa estudantil e sem bolsa estudantil), que se esforçam para entrelaçar diferentes saberes, articular e debater sobre diversas ideias, teorias e experiências. Assim, o presente estudo

Levando em consideração as ideias aqui apresentadas sobre algumas das possíveis funções sociais que as universidades podem ter, entendemos que dentre estas lhe é atribuída o compartilhamento e socialização de saberes, o investimento de suas pesquisas, para além da manutenção dos intelectuais (alguns que, nem sempre) dão algum retorno das investidas acadêmicas à sociedade, e que priorizam a disputa de cada vez obter mais e mais títulos.

Entende-se que esta deve propiciar um espaço de diálogo, de articulação de inserção das comunidades, e de ações não sobre, mas, junto à sociedade, por isso, considerando tal importância inculcada a universidade, nos ascendeu o interesse por identificarmos em nossa própria unidade acadêmica, as formas que a universidade tem buscado se aproximar da comunidade, e dentre estas nos detemos aos Projetos de Extensão desenvolvidos pelos editais da BEXT (Bolsa de Extensão), na Unidade Acadêmica de Garanhuns-UFRPE.

Metodologia

As reflexões teóricas apresentadas nesse estudo foram construídas a partir de levantamentos de artigos científicos, livros e teses, que discutem a educação formal, a universidade e sua trajetória, e as ações de extensão enquanto função social das Universidades. Feito este levantamento, realizase uma sistematização das principais ideias apresentadas pelos autores que corroboram para situar a importância de as IEs assumirem a responsabilidade de dialogar com os saberes da sociedade e em função de melhorias para esta.

Para analisar quantitativamente a evolução dos projetos de extensão realizados pela Unidade Acadêmica de Garanhuns - UFRPE, com ênfase àqueles com concessão de bolsa estudantil de 2013 a 2016, foi realizado um estudo retrospectivo com base nas publicações da Pró-reitoria de Extensão da UFRPE, sobre os projetos de extensão selecionados nos respectivos editais BEXT (com bolsa estudantil). Os dados obtidos foram tabulados em planilhas e analisados mediante estatística descritiva e análise de dispersão.

Resultados e Discussão

É importante lembrar os aspectos históricos que alicerçam os ideais das Universidades, assim como o acesso à educação escolar, que em seus primórdios de institucionalização e determinação de Leis específicas, delimitava-se às classes dominantes, a universidade estava caracterizada enquanto mais elitizada ainda. Na década de 30, muitas foram as mudanças ocorridas na educação formal, que passou a ter leis que direcionaram seus objetivos. Todavia, ficou evidente o poder de controle que tenta se impor através da educação, com a criação do Ministério da Educação e Saúde. A escola pública ofertada na época, estava voltada à realização de treinamentos militares, ensino para o nacionalismo e veneração dos então governantes. Em meio a essa realidade, a Educação assumiu um rumo de patriotismo, divisão de classes sociais e homogeneidade. O pouco de recursos disponibilizados para este fim, foram também redistribuídos para as poucas universidades, ainda mal distribuídas pelo Brasil, com pleno direcionamento, prioridade e exclusividade de acesso para uma pequena parcela da sociedade (VIEIRA; FARIAS, 2007). Neste contexto a universidade se consolidava sob as perspectivas de indolências apontadas por Santos (2002), de sobreposição de conhecimento, concebendo-se como única verdade, inferiorizando tudo o que era alheio à universidade.

Mais recentemente, universidade pôde ser vista como uma instituição de socialização de saberes, espaço de pesquisa, dentre outras características. Santos (1989) explica que esta recebe uma grande cobrança para dar respostas à sociedade. Fávero (2006) diz que compele à universidade não só a responsabilidade pelas discussões e reflexões críticas como também as ações em função destas, um campo prático ou, como Freire (1987, p.7) defende a *práxis*, “A verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade das “práxis” constitutiva do mundo humano – é também “práxis””.

Muitos são os desafios inculcidos à educação de modo geral e não seria de menos, que as universidades recebessem tamanhas responsabilidades, tendo em vista a importância de seu papel frente aos problemas sociais como um todo. Isso se justifica também por entender a universidade como um grande campo de produção e construção de saberes. Segundo Févero (2006) após o deposto do presidente Vargas, e o fim do estado novo, a universidade começa a mobilizar-se propondo mudanças. Entre as décadas de 45 e 60, a pressão dos intelectuais se dá principalmente pela iniciativa de autonomia universitária, “tanto interna como externa”. Segundo Santos (1989), esses colapsos nas universidades se posicionavam contra a inflexibilidade dos modelos de universidades ocidentais e neoliberais em que se se inspiravam as universidades brasileiras. Ainda, discutindo sobre a ideia de universidade, Santos (1989) aponta as contradições e utopias que estas apresentavam, como a incompatibilidade frequente entre as funções de ensino e de pesquisa, causada principalmente pela incoerência de objetivos, de tal forma que:

No domínio da investigação, os interesses científicos dos investigadores podem ser insensíveis ao interesse em fortalecer a competitividade da economia. No domínio do ensino, os objetivos da educação geral e da preparação cultural colidem, no interior da mesma instituição, com os da formação profissional ou da educação especializada, uma contradição detectável na formulação dos planos de estudo da graduação e na tensão entre esta e a pós-graduação. O acionamento de mecanismos de seleção socialmente legitimados tende a colidir com a mobilidade social dos filhos e filhas das famílias operárias, tal como a formação de dirigentes nacionais pode colidir com a ênfase na prestação de serviços à comunidade local (SANTOS, 1989, p. 14).

Essas divergências são para Santos (1989), as principais causas para a tensão evidente nas instituições de ensino superior e estas são contradições de grande cunho e, com certeza, difíceis de serem estabilizadas. É nesse sentido que o autor explica as mobilizações da reforma universitária, na intenção de amenizar os efeitos desses contrapontos, por isso, a luta tem se voltado para manter todas essas tensões sob controle.

A crise universitária também se estabelece a partir do não alcance de seus objetivos de contribuição para a sociedade, assim como os frutos formados por ela, que se tornam inférteis, procurando cada vez mais por um grande acúmulo de títulos, tornando o papel da universidade e sua ineficácia na formação para inserção de mão de obra qualificada no mercado de trabalho. Ainda sobre esta crise Fávero (2006, p. 19) afirma que:

Refletindo sobre essa questão, pode-se inferir que alguns desses impasses vividos pela universidade no Brasil poderiam estar ligados à própria história dessa instituição na sociedade brasileira. Basta lembrar que ela foi criada não para atender às necessidades fundamentais da realidade da qual era e é parte, mas pensada e aceita como um bem cultural oferecido a minorias, sem uma definição clara no sentido de que, por suas próprias funções, deveria se constituir em espaço de investigação científica e de produção de conhecimento. Produção essa que deveria procurar responder às necessidades sociais mais amplas e ter como preocupação tornar-se expressão do real, compreendida como característica do conhecimento científico, mas sem a falácia de respostas prontas e acabadas.

Trazendo à tona um dos principais objetivos da universidade, Fávero (2006) enfatiza a colaboração desta para solucionar os problemas sociais como um todo. É nessa perspectiva que se entende a importância dos projetos de extensão que são financiados pelas universidades e órgãos responsáveis. A universidade não é, na verdade, a salvação social, mas sim, um espaço de pensar o social, de propor a dialogicidade, defendida por Paulo Freire para solucionar e contribuir a partir da articulação de diferentes saberes, assim como trata Boaventura na perspectiva de ecologia de saberes.

Nos Fóruns de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX, apresenta-se diversos direcionamentos que retomam uma perspectiva de dialogicidade entre universidade e comunidade, dentre estes, destacam-se: 1- Extensão Universitária: Organização e Sistematização (FORPROEX, 2007); 2- Política Nacional de Extensão Universitária (2012); 3- Avaliação da Extensão Universitária – Práticas e Discussão Permanente de Avaliação da Extensão Universitária no Brasil. Nesse contexto, foi apresentado o seguinte conceito de Extensão Universitária: “A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p.15).

Em sua obra sobre o pensamento abissal Santos (1989), discute a linha de conhecimentos que se torna intransponível, que separa os saberes ocidentais, os saberes únicos que reproduzem a verdade, dos saberes que são invisíveis e inexistentes, e por isso permanecem do outro lado da linha, e nesse sentido explica que a ecologia de saberes:

Confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (SANTOS, 2007, p. 24).

Assim, é praticamente impossível denominar uma única forma de conhecimento, ou até compreender a totalidade de saberes, pois assim como Santos (2007) explica, a variedade multiplicidade de saberes é inesgotável, a ecologia de saberes propõe a união e inter-relação entre a diversidade de conhecimentos que juntos reforçam e contribuem para a sociedade. Além disso, este autor ressalta que, nenhuma forma de saber se sobrepõe à outra, ambos os saberes estão entrelaçados, num mesmo nível de importância e de significado, um outro ponto importante para uma ecologia de saberes é a articulação entre os saberes relativos a crença, para além da crença apenas na ciência como única, mas junção de outros saberes. Nesse sentido que Freire, em meio a vasta publicação de ideias propõe a dialogicidade para toda e qualquer forma de educação, e de ensino. Ainda assim, é necessário que haja comunicação entre os saberes, entre os sujeitos que pretendem compartilhá-lo. Comunicação se explica não só na transmissão de informações ou, como afirma Freire (1992), na extensão destes, mas configura-se num cenário de diálogo dos saberes, entre os saberes acadêmicos e os saberes culturais e vivenciados por outros sujeitos.

Esta é a razão pela qual, se alguém, juntamente com outros, busca realmente conhecer, o que significa sua inserção nesta dialogicidade dos sujeitos em torno do objeto cognoscível, não faz extensão, enquanto que, se faz extensão, não proporciona, na verdade, as condições para o conhecimento, uma vez que sua ação não é outra senão a de estender um “conhecimento” elaborado aos que ainda não o têm, matando, deste modo, nestes, a capacidade crítica para tê-lo. (FREIRE, 1992, p. 17)

Freire (1996, p.17) afirma ainda que: “Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico.”. Em detrimento disto, muito importa que a universidade enquanto instituição legalmente reconhecida na sociedade como espaço de pesquisa e produção de conhecimentos diversificados, possa mediar os conflitos que permeiam a socialização destes, com as mais diferentes esferas

sociais, articulando-se com outras alternativas, reconhecendo a instabilidade científica assim como de seus saberes. Santos (2004, p. 31) afirma que: “À medida que a ciência se insere mais na sociedade, esta insere-se na ciência. A universidade foi criada segundo um modelo de relações unilaterais com a sociedade e é esse modelo que subjaz à sua institucionalidade actual.”. Por fim, Santos (1989, p. 57) já finalizando sua reflexão acerca das universidades das ideias, sugere que:

A universidade deverá criar espaços de interação com a comunidade envolvente, onde seja possível identificar possíveis actuações e definir prioridades. Sempre que possível, as atividades de extensão devem incluir estudantes e funcionários. Devem ser pensadas novas formas de <<serviço cívico>> em associações, cooperativas, comunidades, etc.

Diante do exposto acima, entende-se que a universidade não só deve abrir as portas para a sociedade, mas também ampliar seus horizontes, vincular-se integralmente a comunidade na qual está inserida, com humildade e respeito, dialogar, dar visibilidade a suas pesquisas permitindo que as mesmas cheguem até a sociedade solucionando seus problemas, além de promover a reorganização de ideias, repensar e até mesmo contrapor-se as teorias já postas, quando possível ou necessário. Nesse sentido, se propõe na organização e análise deste trabalho identificar quantos projetos de extensão sob a modalidade BEXT foram desenvolvidos na UAG/UFRPE, e realizar uma análise descritiva da evolução de seus índices, que retratam proporcionalmente o estreitamento cada vez maior da relação universidade e comunidade.

Em relação à análise quantitativa proposta no presente estudo, esta se caracteriza enquanto pesquisa documental, que segundo Gil (1991), esta desenvolve um olhar analítico para documentos sobre os quais ainda se podem realizar diferentes desdobramentos. A seguir serão apresentados em gráficos o avanço quantitativo dos projetos de Extensão, com bolsa de estudantil desenvolvidos na UAG/UFRPE, referente aos anos de 2013 a 2016. A UAG/UFRPE, oferta sete cursos de graduação, dos quais cinco Bacharelados (Agronomia, Ciências da Computação, Zootecnia, Engenharia de Alimentos, Medicina Veterinária) e duas Licenciaturas (Letras e Pedagogia), todos livres a concorrer à bolsas de extensão para execução de projetos através do envio de projetos por professores ou técnicos. As bolsas não são distribuídas proporcionalmente entre os sete cursos, mas sim, todos os projetos são selecionados independentemente, por uma comissão específica. No gráfico 1 pode ser observado o crescente número absoluto de projetos selecionados com bolsa da Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG-UFRPE), com crescimento de 5,4% no número de projetos de extensão com bolsas desenvolvidos de 2013 para 2014; 12,8% de 2014 para 2015; e de

9,0% de 2015 para 2016. No período do estudo (quatro anos) foi verificado um crescimento de 29,7%, com uma média anual de 42 projetos de extensão com bolsas estudantis.

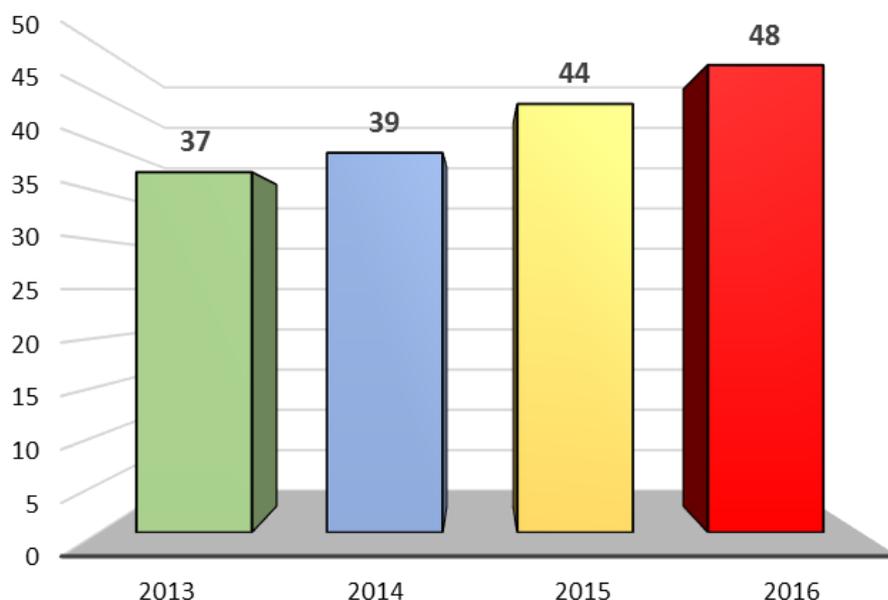


Gráfico 1. Frequência absoluta de projetos de extensão, com bolsa estudantil, desenvolvidos na UAG/UFRPE de 2013 a 2016

As análises apresentadas permitem uma leitura de comprometimento e renovação de laços entre a universidade e a sociedade através das ações extensionistas. O crescimento no número de projetos de extensão com bolsa estudantil executados reflete o interesse no desenvolvimento dessa relação, seja por parte da própria universidade ou investidas de docentes e estudantes, o fato é que proporcionar e incentivar Projetos de Extensão contribuem de inúmeras maneiras para a comunidade e para a universidade.

No **Gráfico 2** pode ser observada a linha de tendência e sua equação linear, com $R^2 = 0,9757$, que projeta uma tendência de crescimento contínua do número de projetos de extensão realizados com bolsa estudantil na UAG/UFRPE. Contudo, deve ser considerado que, em razão da crise econômica em que passa nosso país, espera-se uma estabilidade, ou mesmo redução do número de bolsas disponibilizadas para realização de ações de extensão nos anos que seguem.

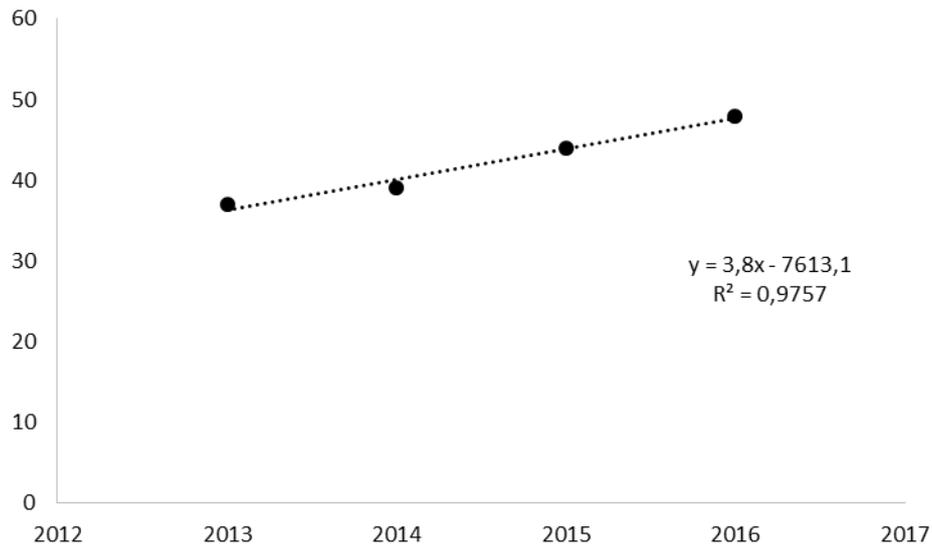


Gráfico 2. Análise de dispersão de projetos de extensão, com bolsa estudantil, desenvolvidos na UAG/UFRPE de 2013 a 2016

A universidade e a sociedade são instituições distintas, mas que devem se integrar. Esta realidade ainda está um pouco a quem da necessidade real, mas para identificarmos o quanto esses projetos propõem dialogar com a comunidade exige uma pesquisa mais refinada e detalhada dos projetos, relatórios e até mesmo ouvir os que de alguma forma corroboraram e a representantes, participantes, entre outros aspectos de relevância. O resultado quantitativo verificado pode não atender a demanda e nem mesmo aos anseios da sociedade beneficiada, porém, se verifica um esforço no sentido de contribuir de algum modo para a consolidação desta relação de forma positiva. Identificar as reais demandas da sociedade deve ser estímulo para o aprofundamento do estudo para o direcionamento de novas propostas de projetos de extensão, que contribuirão, em momentos vindouros, para outras análises, que contemplem a identificação da relevância para a comunidade mais próxima à unidade de ensino.

Conclusão

Destaca-se a necessidade da continuidade e da ampliação do entendimento, no contexto quantitativo e qualitativo, da extensão universitária realizada pelas IFEs. No contexto da análise da Unidade Acadêmica de Garanhuns, os dados demonstram o empenho da gestão da UFRPE sobre seu papel no desenvolvimento de ações de extensão, que por sua vez, promovem mudanças positivas na sociedade em que está inserida, e para os discentes bolsistas, que são estimulados a participarem de tais ações.

Referências

- FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Extensão Universitária: Organização e Sistematização**. Belo Horizonte: COOPMED, (Coleção Extensão Universitária; v.6), 2007.
- _____. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012.
- _____. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Avaliação da Extensão Universitária – Práticas e Discussão Permanente de Avaliação da Extensão**. PROEX/CPAE; PROEX/UFGM, (Coleção Extensão Universitária, v. 8). 165p. 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1987.
- _____, Paulo. **Comunicação ou extensão**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, v. 7, 1992.
- _____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Da idéia da universidade à universidade de idéias**. 1989.
- _____, Boaventura de Sousa “**Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**” *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 63, 237-280. 2002
- _____, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 2004.
- _____, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Novos estudos-CEBRAP*, n. 79, p. 71-94, 2007.
- VIEIRA, Sofia Lerche; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Rupturas e Continuidades: Educação no Estado Getulista**. In: **Política Educacional no Brasil: introdução histórica**. Brasília: Liber Livro Editora. 2007. p. 85-102, n. 79, p. 71-94, 2007.